



Adeilma Casado da Costa  
Imagem



# Memórias de uma enfermeira: O trauma na autobiografia de Vera Brittain<sup>12</sup>



A Nurse's Memories: Shell-Shock in  
Vera Brittain's Autobiography

*Tamires Nogueira da Silva*<sup>3</sup>

1 O presente artigo trata-se de uma adaptação do trabalho de conclusão de curso escrito pela autora sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sílvia Adriana Barbosa Correia e apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH/UFRJ), com o fim de obtenção do grau de Bacharel em História. Como uma adaptação, o presente artigo apresenta apenas um recorte temático de uma análise mais ampla a respeito da reconstrução mnêmica e literária de Vera Brittain sobre a Primeira Guerra Mundial. Para uma análise mais aprofundada do tema, recomenda-se a consulta ao trabalho de conclusão de curso, intitulado "Memórias de uma Enfermeira: a presentificação da Primeira Guerra Mundial na autobiografia de Vera Brittain".

2 Devido a origem em idioma estrangeiro da fonte de análise e de grande parte da bibliografia deste artigo, a autora preferiu apresentar as suas próprias traduções no corpo do texto. Todas as traduções feitas estarão devidamente sinalizadas em suas respectivas notas de rodapé.

3 Graduanda de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Resumo:** Membro do cenário literário inglês, Vera Brittain (1893-1970) publicou sua primeira autobiografia *Testament of Youth: an autobiographical study of the years 1900- 1925*, em 1933. Nesta obra, descreveu suas experiências durante a Primeira Guerra Mundial com a apresentação dos traumas vividos como enfermeira voluntária do exército e com as mortes de entes queridos. Ao mesmo tempo que pertence a um cenário literário profundamente marcado pela experiência masculina da guerra, a autobiografia de Vera Brittain se destaca por colocar em foco as experiências de guerra femininas. Com isto em vista, o principal objetivo deste trabalho é investigar como a experiência da guerra é exposta no relato autobiográfico de Vera Brittain através de uma análise mnêmica da obra, apresentando-a como um produto anamnético da Primeira Guerra Mundial.

**Palavras-chave:**

Vera Brittain, memória, trauma, Primeira Guerra Mundial.

**Abstract:** Part of the English literary scene, Vera Brittain (1893-1970) published her first autobiography *Testament of Youth: an autobiographical study of the years 1900-1925* in 1933. In this work, she described her experiences in the First World War through the exhibition of her shell-shock experiences as a volunteer army nurse and the deaths of her beloveds. Although it belongs to a literary scene deeply marked by the male war experiences, Vera Brittain's autobiography focus in female war experiences. In view of this, the main aim of this article is investigate the war experience on Vera Brittain's autobiography through a memory review of the work, presenting it as a anamnesis product of First World War.

**Keywords:**

Vera Brittain, memory, shell-shock, First World War.

## Introdução: a Primeira Guerra Mundial e a literatura inglesa do conflito

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) representou um divisor de águas na história mundial. Seja por suas proporções militares ou pelo seu grau de violência, seja por seus custos políticos, econômicos e sociais, os historiadores tendem a olhar para este evento como um ponto de ruptura na história ocidental, que alterou as estruturas geopolíticas do globo e inaugurou uma nova forma de experimentação da guerra na contemporaneidade. Segundo Eric Hobsbawm, seu profundo impacto teria inaugurado o próprio século XX.<sup>4</sup>

Nas palavras de Luiz Cesar Barreto Rodrigues, a Primeira Guerra Mundial foi “[...] o espetáculo sangrento que abriu a longa temporada de horrores que [foi] o nosso século XX”.<sup>5</sup> Sem dúvida, uma das suas principais características foi o pioneirismo bélico, resultado das inovações científicas e tecnológicas produzidas durante a corrida armamentista das nações imperialistas européias que antecedeu sua eclosão. Tal pioneirismo, com a produção maciça de armas automáticas e químicas, tanques, zepelins, submarinos e diversos instrumentos direcionados à produção da morte, afetou não só a vida dos soldados que nela lutaram e morreram, mas também de civis que habitavam as cidades e campos. Cidadãos dos quais foram exigidos esforços e sacrifícios em nome da Pátria para que se alcançasse a vitória. Inúmeras foram as vítimas desta guerra, sejam elas mortas ou vivas.

A experiência das trincheiras revelou e fortaleceu nacionalidades até então oprimidas e silenciadas. Derrubou impérios, modificou os mapas e levantou democracias frágeis, que posteriormente seriam também derrubadas por regimes ditatoriais totalitários. Inspirou revoluções, da qual a mais famosa, a Revolução Bolchevique, simbolizou, para alguns, a utopia marxista da ditadura do proletariado. Desequilíbrio o delicado equilíbrio geopolítico do mundo, com o fim da hegemonia européia e o esboço da divisão ideológica do mundo entre capitalismo e socialismo. As relações sociais sofreram forte impacto, especialmente aquelas estabelecidas entre homens e mulheres. Como ponto positivo num mar de desgraças, a guerra contribuiu para o questionamento feminino sobre a divisão dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. A romântica visão do Lar, aos poucos, se rompia.

Assim, a Primeira Guerra Mundial, mais do que um divisor de águas, se tratou de uma experiência traumática para milhões de homens e mulheres no início do século XX. Experiência esta que foi exposta através da literatura, com a descrição dos massacres, das atrocidades e da monotonia trágica das trincheiras. Também foi encenada em palcos teatrais, manifestadas nas artes plásticas, expressada em composições musicais e adaptada aos cinemas. Representou o fim do ideal civilizacional europeu do século XIX, baseado na ideia imperial de Estado Nação e no progresso científico, sacrificando milhões de vidas e impondo sofrimentos que atormentariam aqueles que à guerra sobreviveram. Como Jay Winter defende, o trauma da experiência da Primeira Guerra Mundial “[...] é democrático; ele escolhe todos os tipos de pessoas em sua incapacitante passagem. A história do trauma de guerra, configurada corretamente, não é a história dos oficiais, mas da guerra em si”.<sup>6</sup>

No que compete a literatura, a representação da Primeira Guerra Mundial é rica e variada, tanto em relação a gêneros quanto a estilos, com imensa produção e publicação de narrativas

4 HOBBSAWM, Eric. A Era da Guerra Total. In: \_\_\_\_\_. **Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 24-49.

5 RODRIGUES, Luiz Cesar Barreto. **A Primeira Guerra Mundial**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988, p. 28.

6 WINTER, Jay. Shell-Shock and the Cultural History of the Great War. **Journal of Contemporary History**, Londres, v. 35, n. 1, p. 7-11, jan. 2000. p. 11. Tradução da autora.

(ficcionalis ou não ficcionalis; poesia ou prosa) que expressam, segundo inúmeras perspectivas, a experiência e os impactos do conflito. Na Inglaterra, a eclosão e o desenrolar do conflito aumentou a demanda por romances, poemas e narrativas memorialistas que ajudassem a compreender o que havia acontecido e fornecessem algum sentido para o evento enquanto ele se desenrolava, o que significou mais um estímulo ao mercado literário- em constante crescimento desde fins do século XIX - durante os anos do conflito e as décadas seguintes ao Armistício. Como Jane Potter argumentou:

“Os níveis de alfabetização, que haviam aumentado constantemente como resultados dos atos educacionais sucessivos desde a década de 1870, significaram que tanto soldados quanto civis estavam quase universalmente aptos a participarem da cultura impressa quer como escritores quer como leitores. Com pouca competição de outra mídia, a literatura era uma importante ferramenta de distração dos sofrimentos da guerra bem como uma importante forma de conexão com a consciência do grande público, fosse ela tradicional ou moderna, idealista ou conservadora.”<sup>7</sup>

Durante os anos da guerra, um grande investidor do mercado literário foi o governo inglês, interessado na produção de textos que abraçassem a “causa da nação” e servissem como propaganda para ideais patrióticos. Publicações de cunho contestatório à mobilização de guerra ou pacifistas eram objetos de intensa perseguição e censura. O intenso comércio de livros que alimentava a demanda do público por narrativas sobre a guerra fazia parte do que se pode denominar *cultura do consentimento*: “[uma motivação] de ‘ver ou participar’ [do conflito] apesar do horror, da destruição e do sofrimento por [ele] provocado.”<sup>8</sup> Desta forma, se tratava de uma literatura que variava entre romances de aventura, espionagem, românticos e relatos jornalísticos inéditos das zonas de combate.

Na ficção popular, a propagação dos ideais patrióticos se traduziu na preocupação dos escritores com o dever do alistamento masculino e o dever feminino de apoio aos soldados. O dever de “servir à Pátria” e a lealdade aos companheiros de batalha ilustraram elementos comuns que marcaram as narrativas sobre os soldados na vanguarda, alimentando a caracterização destes soldados como “heróis nacionais”, especialmente quando eles morriam em combate. Estes elementos ajudaram a constituir o que George L. Mosse denominou *mito da experiência de guerra*, uma narrativa que glorifica os esforços daqueles que lutaram no conflito e tem, como base fundamental, o culto ao Soldado Desconhecido (*Unknown Soldier*).<sup>9</sup> Por outro lado, este gênero literário apresentou as mulheres a partir de dois arquétipos: a mulher que espera em casa pelo retorno dos soldados ou a mulher que participava ativamente do esforço de guerra, usualmente como enfermeira. Entretanto, em ambos os arquétipos, a mulher está cumprindo fielmente seu dever patriótico.

Muitos textos não ficcionais também foram publicados a respeito da experiência de guerra durante este período. Membros da vanguarda, como soldados e profissionais do corpo médico, escreviam e demandavam publicação de seus textos, que narravam, em primeira mão, a vivência das trincheiras, o horror do campo de batalha e o caos das enfermarias. Isto foi especialmente verdadeiro a respeito da publicação de memórias das enfermeiras voluntárias que atuaram nos hospitais militares e nas frentes de batalha durante o conflito.

<sup>7</sup> POTTER, Jane. (2015). **Literature (Great Britain and Ireland)**. Disponível em [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/literature\\_great\\_britain\\_and\\_ireland](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/literature_great_britain_and_ireland). Acesso em 14.set. 2017. Tradução da autora.

<sup>8</sup> Ibid. Tradução da autora.

<sup>9</sup> MOSSE, George Lachmann. Two World Wars and the Myth of War Experience. **Journal of Contemporary History**, Londres, v. 21, n. 4, p. 491-513, out. 1986.

[A] franqueza [do sofrimento das tropas] ecoou nas memórias escritas por enfermeiras como *Field Hospital and Flying Column* (1915), de Violetta Thurston; *Diary of a Nursing Sister on the Western Front* (1915), de K. Luard; *Eighteen Mouths in the War Zone* (1916), de Kate Finzi; *The Flaming Sword in Serbia and Elsewhere* (1916), de Mabel Sinclair Stobat; e *A V.A.D in France* (1917), de Olive Dent. O fato destes trabalhos não terem sido censurados se explica pela mensagem explícita do valor do sofrimento representado por elas e suas crenças da guerra como uma causa justa.<sup>10</sup>

Nos anos que se seguiram ao Armistício, o que se verificou foi uma série de publicações preocupadas com o impacto psicológico do conflito. A atmosfera de desamparo e desencanto com o destino da civilização permeava os textos de autores como Virginia Woolf (1882-1941), A. P. Herbert (1890-1971) e Rebecca West (1892-1983). Em seu romance *Disenchantment* (1922), C. E. Montague (1867-1928) expressou a desolação social dominante com o fim da guerra, resultado do impacto da violência em todas as esferas da sociedade: “[...] contentes como estávamos com o fim da guerra, ele deixou mesmo o mais forte de nós abalado”.<sup>11</sup>

Por volta do final da década de 1920 e início da década de 1930, ocorreu um “boom” da literatura de guerra, momento importante de publicação da maioria dos livros que se tornaram parte do cânone literário da Primeira Guerra Mundial. Entre estes livros, encontra-se *Testament of Youth: an autobiographical study of the years 1900 - 1925*, a primeira autobiografia escrita pela intelectual inglesa Vera Brittain (1893-1970), em 1933. Originalmente publicada em Londres pela editora Victor Gollancz Limited, esta autobiografia relatou as experiências da autora tendo como fio condutor os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial e sua atuação como enfermeira voluntária. Com a exposição do horror da guerra e o retrato da participação feminina no conflito, *Testament of Youth* se tornou um sucesso estrondoso, com doze edições até o início da Segunda Guerra Mundial e mais de 120 mil cópias vendidas na Inglaterra, consolidando-se como um *best-seller* dos anos 1930.

O presente artigo compreende *Testament of Youth* como uma forma individual de recordação da Primeira Guerra Mundial, ou seja, uma narrativa mnêmica individual sobre o passado, que tenta reconstruí-lo e ritualizá-lo, de forma lógica e coesa. Neste sentido, se faz necessário analisar os elementos que guiaram seu processo de escrita e os objetivos de sua autora dentro do contexto histórico e literário no qual escrevia, ou seja, durante o final da década de 1910, os anos de 1920 e o início da década de 1930. Com esta preocupação em vista, o principal objetivo deste trabalho é investigar como a experiência traumática da guerra é exposta no relato autobiográfico de Vera Brittain através de uma análise narrativa e mnêmica da obra. A análise aqui apresentada é guiada por referenciais teóricos vinculados aos estudos culturais de memória da Primeira Guerra Mundial, com foco nos conceitos de memória e trauma. Neste sentido, este artigo analisa como a relação de memória e trauma afetou e/ou guiou os objetivos de Vera Brittain através de uma narrativa mnêmica, constituindo *Testament of Youth* como um produto anamnético da Primeira Guerra Mundial.

### **Memória e trauma: a dificuldade de narrar a experiência da guerra**

Em março de 1916, numa carta dirigida ao irmão Edward Brittain, Vera Brittain introduziu a ideia que originaria a produção de sua autobiografia, *Testament of Youth*: “[...] se a guerra

10 POTTER, loc. cit. Tradução da autora.

11 MONTAGNE, 1922 apud POTTER, 2015. Tradução da autora.

me poupar, meu único objetivo será imortalizar [...] a nossa história [...]”<sup>12</sup> Tal tarefa se constituiu num desafio complexo, que nos dezessete anos que separaram a carta de Brittain e a publicação de *Testament of Youth* se transfigurou em tentativas fracassadas de narrativas ficcionais, edições incompletas de diários antigos e problemas de conciliação entre vida doméstica e profissional. Entretanto, o cerne do desafio, apesar de todas as suas variantes, foi o mesmo: a dificuldade de expressar as experiências vividas em uma narrativa coerente, que reconciliasse passado, presente e futuro em um discurso identitário provido de um sentido e que fornecesse algum senso de pertencimento. Em outras palavras, o desafio imposto à produção de *Testament of Youth* foi estabelecer o equilíbrio entre memória e trauma através da construção de uma narrativa que conciliasse as experiências traumáticas de Vera Brittain durante a Primeira Guerra Mundial e aquelas que antecederam e procederam o conflito.

*Memória*, como defendido por Fernando Catroga<sup>13</sup>, é uma narrativa identitária que representifica o passado através da sua ritualização, com o objetivo de projeção de um futuro. O trauma, por sua vez, trata-se de uma ruptura narrativa, no qual as conexões entre passado, presente e futuro são seriamente abaladas e a compreensão do “Eu” é distorcida. Segundo Jay Winter, o *trauma de guerra* é:

[...] uma condição na qual a conexão entre a memória individual e sua identidade é rompida. Um conjunto de imagens e experiências não-assimiladas, decorrentes do serviço da guerra, quer em combate ou próximo a isto, que radicalmente perturba a narrativa - a história de vida - dos indivíduos[...]. Através de tais histórias, sabemos quem somos ou, ao menos, pensamos que sabemos. O trauma enfraquece aquela orientação, aquele ponto de referência sobre qual o senso do “eu” de um indivíduo se desdobra. Sua integridade, no sentido de possuir uma personalidade integral - com um “antes” e um “agora” que fluam juntos -, se torna incerta por causa do que ele sentiu ou viu e do que ele continua sentindo e vendo.<sup>14</sup>

Desta forma, discorrer sobre trauma é abordar experiências difíceis de ser expressadas e assimiladas pela subjetividade e suscetíveis a manifestações patológicas. Não só as experiências traumáticas dos combatentes, daqueles que estavam na vanguarda das batalhas e/ou envolvidos diretamente nas estratégias e decisões militares, mas também daqueles que, mesmo não lutando, foram atingidos pela violência do conflito. Como classificar ou caracterizar um evento quando a própria experiência traumática abala a coerência identitária de um indivíduo ou de um grupo e impossibilita sua narração? Diante desta interrogação, é possível compreender que a experiência traumática significa um desafio à própria narrativa mnêmica. Em síntese, o trauma funciona como uma antimemória ou uma antinarrativa.

Para Brittain, esta dificuldade se manifestou, primeiramente, na incapacidade de encontrar uma forma adequada de comunicar, através da escrita, as experiências que viveu durante o conflito. Entre 1916 e 1929, ela flutuou entre ficção e realidade, ora escrevendo contos e romances ficcionais baseados no que viveu, ora editando antigos diários. Como Mark Bostridge apontou:

12 BRITAIN, 1916 apud BISHOP, A.; BOSTRIDGE, M. (Org.). *Letters From a Lost Generation: First World War Letters of Vera Brittain and Four Friends*. Londres: Little, Brown, 1998. p. 242. Tradução da autora.

13 CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

14 WINTER, Jay. *Remembering War*. New Haven: Yale University Press, 2006. p.52-53. Tradução da autora.

“A sobrevivência de uma variedade de rascunhos de romances incompletos, em conjunto com referências presentes na correspondência de Brittain de alguns projetos similares que parecem nunca terem se materializado, indica a extensão de sua confusão sobre a melhor forma de confiar suas experiências ao papel.”<sup>15</sup>

No prefácio de *Testament of Youth*, Brittain escreveu o seguinte:

“Por quase uma década, eu quis, com um crescente senso de urgência, escrever algo que mostrasse o que toda a guerra e o período pós-guerra [...] significaram para os homens e mulheres da minha geração, a geração de garotos e garotas que cresceram antes da eclosão do conflito.

[...]

A forma como apresentar isto parecia óbvia: bastava desenhar uma imagem da classe média inglesa - seus interesses, sua moral, seus ideais sociais, suas políticas – como isso era na minha memória mais remota e, então, contar algum tipo de história pessoal contra este fundo em transformação. Minha ideia original era de um longo romance e eu comecei a planejá-lo. Para a minha tristeza, isto se tornou um fracasso incorrigível. Nunca segui muito adiante com o plano por perceber que as pessoas e os eventos sobre os quais eu estava escrevendo ainda estavam muito próximos e muito reais para serem objetos de uma reconstrução imaginativa detalhada.”<sup>16</sup>

A preferência pelo gênero autobiográfico foi se delineando por volta do final da década de 1920, na escrita de um romance não publicado chamado *Youth's Calvary*. Mark Bostridge afirmou que, mesmo ainda podendo ser considerado uma ficção, os poucos capítulos sobreviventes podem ser considerados como progenitores de *Testament of Youth*, apesar de sua falta de vivacidade narrativa.<sup>17</sup> O que marcaria de vez a escolha de Vera Brittain pela escrita autobiográfica seria a publicação das autobiografias de Edmund Blunden, *Undertones of War* (1928), e de Siegfried Sassoon, *Memoirs of a Fox-Hunting Man* (1928), durante o boom da literatura desiludida da guerra. Fascinada por estes trabalhos, Brittain escreveu em seu diário sobre suas próprias pretensões de contribuir para o gênero, no natal de 1928: “Eu estou lendo ‘Undertones of War’: [...] solene e honrado, mas perfeitamente simples e honesto; por que eu não deveria tentar algo assim?”<sup>18</sup> Entretanto, Brittain considerava que nenhum destes trabalhos promovia uma representação adequada das mulheres na guerra. E isto alimentou seu desejo de narrar suas experiências de guerra, conciliando narrativa pessoal com contexto de transformação social e apresentando um panorama que considerava “completo” sobre a guerra – um retrato das experiências masculinas e femininas do conflito.

Entretanto, mesmo que seja uma importante fonte histórica para estudos sobre a sociedade inglesa e a literatura da Primeira Guerra Mundial, *Testament of Youth* é uma autobiografia que utiliza uma série de ferramentas romancistas de suspense e romance para realçar a realidade – como a apresentação de conflitos domésticos, encontros amorosos, passagens epistolares, confissões de diários e reviravoltas melodramáticas que resultam em consequências trágicas –, apelando, por vezes, ao sentimentalismo. Isto é particularmente verdadeiro ao se olhar para o tratamento dado por Brittain ao seu romance com Roland Leighton, com toda uma rede de emoções e situações narradas de forma dramática, que resultaram numa história de amor

15 BOSTRIDGE, Mark. Introduction. In: BRITAIN, Vera. **Testament of Youth: an autobiographical study of the years 1900-1925**. Londres: Phoenix, 2014. p. 12. Tradução da autora.

16 BRITAIN, Vera. **Testament of Youth: an autobiographical study of the years 1900-1925**. Londres: Phoenix, 2014. p. 21. Tradução da autora.

17 BOSTRIDGE, loc. cit.

18 BRITAIN, 1928 apud BOSTRIDGE, 2014. p. 13. Tradução da autora.



convencional derivada de romances do século XIX. A cronologia também é problemática, porque, mesmo com seu esforço de pesquisa histórica ao recorrer a registros como o *Annual Register* e coleções da *British Red Cross Society* e do *Imperial War Museum*, erros de datas, sucessões de eventos e outras questões que prejudicavam a precisão cronológica foram inevitáveis. Segundo Mark Bostridge:

“Sua narrativa do período que passou como VAD no 24° General [Hospital] em Étamples, de agosto de 1917 à abril de 1918, não possui confiabilidade da precisão cronológica [...]. Ela havia parado de manter um diário depois de seu retorno de Malta, em maio de 1917, e só tinha algumas cartas de sua mãe, algumas notas apressadas dirigidas à Edward e uma coleção nebulosa de eventos [...]”<sup>19</sup>

O equilíbrio entre ficção e realidade é ainda mais fortemente abalado na apresentação que Vera Brittain fez sobre os preparativos de seu casamento com George Catlin, no capítulo final de *Testament of Youth*. Em fevereiro de 1933, ela já havia completado seu manuscrito e trabalhava na sua revisão quando teve que lidar com as fortes objeções de Catlin, quanto à sua aparição na história.

“Catlin rabiscou seus comentários nas margens do texto datilografado: “intolerável”, “horível”, “muito ruim”. Por acreditar que o livro de sua esposa o colocaria numa posição ridícula entre seus colegas acadêmicos [...], ele implorou à Brittain para fazer modificações em algumas passagens e rezou que para esta “fama” passasse rapidamente. Ela concordou ao reduzir a sua imagem à uma figura apagada no projeto final, embora ela se arrependesse amargamente que o tema de sua ressurreição no pós-guerra, simbolizada pelo seu casamento, tivesse enfraquecido irremediavelmente.”<sup>20</sup>

Além da dificuldade enfrentada para escolher uma forma satisfatória de narrativa literária – a narrativa autobiográfica – e dos problemas relativos ao equilíbrio entre ficção e realidade e à apresentação de personagens, o texto de Brittain apresentou seus próprios temores sobre as transformações subjetivas, tanto dela quanto daqueles que lhe eram próximos. O primeiro contato entre o leitor de *Testament of Youth* e os efeitos traumáticos resultados direto da guerra é com a melancolia expressa no poema de abertura do primeiro capítulo do livro, *Forward from Newcastle*. O poema *The War Generation: AVE*, escrito pela própria Brittain, possui os seguintes versos:

“[...] Portanto, assim começamos, em meio aos ecos espalhados  
De nossa infância oriunda de uma guerra anterior;  
Tão fracos, tão cedo esquecidos, para destronarem  
Aqueles sonhos de felicidade que considerávamos seguros;  
Enquanto, iminente e feroz porta afora,  
Assistindo uma geração florescer,  
O destino que mantinha nossa geração sob poder  
Aguardava sua hora.”<sup>21</sup>

Com versos que marcaram a fatalidade e a desilusão do conflito, Vera introduziu o seu texto com a apresentação de sua infância. Preocupada com a construção subjetiva de suas personagens, ela dedicou quase cem páginas de sua história a apresentar e caracterizar seu

19 BOSTRIDGE, 2014, p. 15. Tradução da autora.

20 Ibid, p. 10. Tradução da autora.

21 BRITAIN, 2014, p. 24. Tradução da autora.

lar e as pessoas de quem era próxima – uma apresentação do contexto social ao qual estava inserida nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial. Foi nos dois primeiros capítulos que Brittain construiu os padrões de comportamento e, conseqüentemente, as personalidades de suas personagens. Começando por si, Brittain se caracterizou como garota provinciana, insatisfeita com as expectativas sociais designadas às mulheres de sua classe social, que sonhava em poder frequentar uma universidade e se tornar uma escritora, mas era frustrada pelas expectativas de casamento almejadas por seus pais. O irmão, Edward Brittain, foi apresentado como seu melhor amigo, que defendia os sonhos e desejos de Brittain diante dos pais, e que sonhava ser um violinista. O noivo, Roland Leighton, foi apresentado como um jovem e popular gênio literário, vindo de uma boa família inglesa, com promissora carreira intelectual e um defensor do feminismo no início do século XX.

Entretanto, todas estas personagens tiveram suas personalidades absolutamente transformadas pelo rumo que o conflito impôs sobre suas vidas. De uma garota provinciana, Vera Brittain, marcada pela experiência traumática da guerra, se transformou numa escritora independente, profundamente engajadas em causas políticas e sociais decorrentes e/ou fortalecidas pelo conflito, como as pautas feminista e pacifista. Edward Brittain e Roland Leighton, ambos mortos durante o conflito, sofreram drasticamente com a violência física e psicológica diante da carnificina das trincheiras. Através da ironia do texto de Vera Brittain, o leitor pode acompanhar a transformação de Roland Leighton, de um jovem popular no colégio em mais um soldado (quase anônimo) morto na guerra. Edward Brittain, no texto da irmã, teve uma jornada oposta à do amigo: de um jovem simples e pouco ganancioso a um herói de guerra.

Neste sentido, é possível compreender a função do poema *The War Generation: AVE* na introdução de *Testament of Youth* como um marco que simboliza o impacto da Primeira Guerra Mundial como um trauma, uma interrupção narrativa, que frustrou todas as expectativas sobre o futuro daqueles que foram seus contemporâneos. Em *Testament of Youth*, Vera Brittain expressou este trauma, tanto física como psicologicamente, com a morte em massa de uma geração inteira de jovens soldados como seu principal símbolo. A morte é encarada como o próprio trauma. É a concretização da impossibilidade da narrativa de vida de indivíduos e sociedades. Isto pode ser percebido na descrição que Brittain apresenta das roupas ensanguentadas que Leighton estava usando ao morrer, ao associá-las como um símbolo macabro entre a vida e a morte:

“Embora ele só tivesse vestido aquelas roupas quando vivo, o cheiro delas era o cheiro de cemitério e de mortos. A lama da França que as cobria não era lama comum. Não tinha o cheiro comum de terra pura, mas era como se estivesse repleta de corpos mortos – mortos que estivessem mortos há muito, muito tempo...”<sup>22</sup>

O trauma não foi somente representado através da morte na narrativa de Vera Brittain. Ele também foi expresso nas crises de ansiedade e no estresse físico e mental que a rotina como enfermeira voluntária exigia:

“Eu temia ir para a cama por causa do choque de realidade com que acordava todas as manhãs, mesmo quando eu retornava do hospital tão cansada de trabalhar até tão tarde. Numa noite, superada pela fadiga e miséria, eu desmaiei, completamente uniformizada, no chão de meu quarto e acordei, dolorida e rígida, ao amanhecer. Mesmo dormir não trazia alívio, tão perturbadores e inquietos eram os meus sonhos durante a noite.”<sup>23</sup>

22 Ibid, p. 176. Tradução da autora.

23 Ibid, p. 142. Tradução da autora.

Em cartas compartilhadas com Roland Leighton e reproduzidas em *Testament of Youth*, Brittain compartilhou o impacto que a experiência da guerra – com sua atuação como enfermeira voluntária em Camberwell – estava provocando na sua personalidade:

“Só possuo um único desejo em minha vida agora – o fim da guerra. Imagino o quanto o que você já viu e fez te mudou. Pessoalmente, após ver algumas das coisas mais terríveis que vi aqui, sinto que não serei mais a mesma pessoa novamente e penso se, quando a guerra terminar, esquecerei como rir. Outro dia, eu involuntariamente ri de algo e isso pareceu muito estranho.”<sup>24</sup>

A resposta de Roland Leighton foi a seguinte:

“Me pergunto se sua metamorfose foi tão completa quanto a minha. Me sinto um bárbaro, um selvagem da floresta, duro, estreito e prático. Um ditador principiante, talvez – de forma alguma o tipo de pessoa que seria associada com prêmios no dia de formatura, com poesia ou com classicismo diletante.”<sup>25</sup>

Brittain já havia demonstrado em sua narrativa como a experiência da guerra tinha impactado a saúde mental e física de Leighton. Ao descrever o encontro dos dois em agosto de 1915, ela escreveu: “Um tanto deprimido, notadamente mais magro e aparentando, no mínimo, trinta anos, Roland parecia a personificação do Serviço Ativo.”<sup>26</sup>

A Batalha de Somme, travada no segundo semestre de 1916, apelou para uma longa descrição de experiências traumáticas na narrativa de *Testament of Youth*. A imensa quantidade de baixas e a brutalidade da investida foram expressas na descrição densa de seus preparativos e nas reproduções parciais de matérias de jornais, que expunham a confusão da frente de batalha na França. Brittain apontou o impacto da Batalha de Somme sobre a personalidade do irmão, ferido durante o evento, ao apresentar sua transformação de um jovem doce e otimista para um homem calado e sombrio. Ela concluiu que isto resultou das dores intensas e permanentes provocadas pelas feridas físicas e pelas memórias do horror da experiência da batalha. Desta forma, ela escreveu: “[...] só depois [...] percebi que a Batalha de Somme o havia modificado profundamente e adicionado dez anos na sua idade”.<sup>27</sup>

24 BRITAIN, 1915 apud BRITAIN, 2014, p. 152-153. Tradução da autora.

25 LEIGHTON, 1915 apud BRITAIN, 2014, p. 153. Tradução da autora.

26 BRITAIN, 2014, p. 129. Tradução da autora.

27 Ibid, p. 197. Tradução da autora.

## Conclusão: a autobiografia como produto anamnético

Ao pensar o processo de reconstrução mnêmica, Enzo Traverso sugeriu que a reconstrução do passado, inserida numa problemática temporal, está submetida a três etapas distintas, segundo o modelo de Henry Rousso, em *Le Syndrome de Vichy* (1990): um *acontecimento marcante* (um possível trauma); uma *fase de recalçamento* (repressão da memória; exclusão da recordação na consciência); e uma *fase de anamnese* (retorno do que foi reprimido; processo de incorporação da recordação na consciência)<sup>28</sup>. Ao aplicar este modelo no caso de Vera Brittain, é possível compreender sua dificuldade em encontrar uma forma de narrar suas experiências durante a Primeira Guerra Mundial como um desafio de superação do recalçamento, imposto pelo trauma de guerra. Richard Badenhausem defendeu que a supressão de emoções – comuns em vítimas de estresse pós-traumático – impede a recuperação narrativa da experiência<sup>29</sup>. Em *Testament of Youth*, essa premissa se prova verdadeira diante de várias passagens nas quais Brittain apontou não possuir recordações sobre eventos, como nos dias que se seguiram à notícia da morte de Roland Leighton; e nas descrições vagas sobre seus dias no cuidado dos pacientes, especialmente durante o seu período de serviço em Étaples.

Badenhausem sugeriu que a recuperação narrativa da experiência pode ser reconstruída através da reunião de evidência textual, que o sobrevivente do trauma deve eventualmente confrontá-lo repetidamente.<sup>30</sup> Este processo de recuperação narrativa da experiência pode ser denominado *anamnese* – o que Traverso definiu como o retorno do que foi reprimido. Segundo Fernando Catroga, *anamnese* é a procura ativa de recordações: um processo composto pela

“[...] *memória propriamente dita*, que enfatiza a recordação e o reconhecimento; e a *metamemória*, conceito que define as representações, de pendor comemorativo, que o indivíduo faz de um modo compartilhado e onde predomina a chamada “recordação-imagem”.<sup>31</sup>”

Neste sentido, a narrativa mnêmica de *Testament of Youth* pode ser compreendida como o produto de um processo de anamnese de Vera Brittain. Sua reconstrução narrativa expressa os processos de transformação – individuais e sociais – que o impacto da Primeira Guerra Mundial impôs sobre ela e seus contemporâneos. Isto é particularmente denunciado quando ela reserva um subcapítulo de seu livro para refletir sobre uma determinada compreensão de sua vida, segundo o marco da guerra: uma compreensão que descreveu como a “percepção de duas vidas” – uma antes e outra depois da guerra.

“Entre a primeira vida, que terminou com a morte de Edward em 1918, e a segunda vida, que começou com a companhia de Winifrey [Holtby] em 1920, nenhum vínculo permaneceu, exceto a família de Roland e meus pais [...]. Claro que há aqueles sobre os quais minhas afeições profundas repousam – Winifrey, meu marido, meus filhos –, mas não sobrou mais nenhum único contemporâneo que eu estimei na vida antes de 1918. Por um tempo, me senti desamparada, até mesmo amarga, porque eles não podiam

28 TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: História, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

29 BANDEHAUSEN, Richard. Mourning through Memoir: Trauma, Testimony, and Community in Vera Brittain's "Testament of Youth". **Twentieth Century Literature**, Nova York, v.49, n.4, p. 421-448, jan./mar. 2003.

30 Ibid, p. 437.

31 CATROGA, 2015, p. 9.

compartilhar minhas memórias. Entretanto, agora eu já me acostumei a revisitar aquele mundo que se foi [o mundo da primeira vida] sozinha.<sup>32</sup>

Com esta reflexão, Brittain forneceu uma forma de recordação da Primeira Guerra Mundial, que a ritualiza como o retrato de uma experiência traumática que transformou a vida daqueles que a experienciaram. Além de fornecer uma forma de recordação trágica da guerra, a narrativa de Brittain expôs a sensação de desamparo social que permeava a sociedade inglesa nos anos que se seguiram ao Armistício. Desamparo resultado da perda de referenciais identitários que vinculavam os indivíduos e as sociedades beligerantes com o passado anterior ao conflito. Desta forma, sua narrativa denunciou o estranhamento que o processo de recordar produziu em muitos daqueles que viveram a guerra, efeito colateral do processo de transformação subjetiva que experimentaram. Tal estranhamento é expresso na sua escolha ao citar, no prefácio de *Testament of Youth*, a seguinte passagem de *The Fountain* (1932), de Charles Morgan (1894-1958):

“Em cada momento de suas vidas, homens morrem por aquele instante [de recordar]. Não é o tempo que passa por eles, mas eles que regridem diante da constância, da imutabilidade do tempo. Desta forma, quando, mais adiante [na vida], eles olham para trás, sob eles mesmo, não são eles mesmos que vêem ou, mesmo, quem antigamente foram, mas estranhos fantasmas feitos de suas imagens, com os quais não conseguem se comunicar.”<sup>33</sup>

Além disso, *Testament of Youth* fornece um panorama da vida privada e pública da classe média inglesa, bem como busca uma representação mais democrática do trauma da experiência da Primeira Guerra Mundial ao destacar as experiências femininas do conflito sem negar ou hierarquizar os sofrimentos infligidos aos soldados. Isto é particularmente verdadeiro quando se analisa sua construção autobiográfica a partir das trocas de correspondências entre a autora, seu irmão, Edward Brittain, e seu noivo, Roland Leighton. De acordo com esta perspectiva, Mark Bostridge escreveu: “Embora nos estágios iniciais da evolução de seu livro, ela tenha reivindicado escrever para sua geração de mulheres, ela, posteriormente, expandiu sua reivindicação para sua geração inteira – de ambos os sexos”.<sup>34</sup>

Diante do que foi defendido neste artigo, é possível compreender que *Testament of Youth* é um retrato trágico da experiência da Primeira Guerra Mundial. Longe de ter a intenção de esgotar qualquer discussão sobre a experiência feminina na guerra, esta análise buscou apresentar uma abordagem ampla para a compreensão do conflito através de um olhar que destacasse o impacto do trauma sobre as sociedades beligerantes, com foco nos impactos psicológicos que a guerra impõe sobre os indivíduos. É interessante destacar que, a análise aqui feita pode se desdobrar em uma série de temáticas, com trabalhos que aprofundem discussões sobre a variedade de experiências femininas na guerra, a representação das enfermeiras na literatura do conflito, etc. Entretanto, o presente artigo contenta-se em concordar com Shirley Willians, filha de Vera Brittain, na defesa de *Testament of Youth* como uma forma de recordação da Primeira Guerra Mundial que homenageia toda uma geração traumatizada pelo horror da guerra e, desta forma, trata-se de “uma preciosa forma de imortalidade”.<sup>35</sup>

32 BRITTAIN, 2014, p. 330. Tradução da autora.

33 MORGAN, 1932 apud BRITTAIN, 2014, p. 22. Tradução da autora.

34 BOSTRIDGE, 2014, p. 15. Tradução da autora.

35 WILLIAMS, Shirley. Preface. In: BRITTAIN, V. *Testament of Youth: an autobiographical study of the years: 1900-1925*. Londres: Phoenix, 2014. p. 18. Tradução da autora.

## Referências

ACTON, Carol. (2014). **Brittain, Vera**. Disponível em [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/brittain\\_vera](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/brittain_vera). Acesso em 27.dez. 2016.

BANDEHAUSEN, Richard. Mourning through Memoir: Trauma, Testimony, and Community in Vera Brittain's "Testament of Youth". **Twentieth Century Literature**, Nova York, v.49, n.4, p. 421-448, jan./mar. 2003.

BERMEO, Nancy. Getting mad or going mad? Cidadãos, escassez e o colapso da democracia na Europa de Entre Guerra. **Penélope**, Lisboa, v.19-20, n.1, p. 11-42, jan./dez. 1998.

BISHOP, Alan.; BOSTRIDGE, Mark. (Org.). **Letters From a Lost Generation: First World War Letters of Vera Brittain and Four Friends**. Londres: Little, Brown & Company, 1998.

BOSTRIDGE, Mark. Introduction. *In*: BRITAIN, V. **Testament of Youth: an autobiographical study of the years: 1900-1925**. Londres: Phoenix, 2014. p. 9-16.

BRITAIN, Vera. **Testament of Youth: an autobiographical study of the years 1900-1925**. Londres: Phoenix, 2014.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CORREIA, Sílvia. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 650-673, jul./dez. 2014.

ERLL, Astrid. Cultural Memory Studies: An Introduction. *In*: ERLL, A., NUNNING, A. (Org.). **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**. Berlim: Deutsche Nationalbibliothek, 2008. p. 1-15.

HOBSBAWM, Eric. A Era da Guerra Total. *In*: \_\_\_\_\_. **Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 24-49.

MOSSE, George Lachmann. Two World Wars and the Myth of War Experience. **Journal of Contemporary History**, Londres, v. 21, n. 4, p. 491-513, out. 1986.

POTTER, Jane. (2015). **Literature (Great Britain and Ireland)**. Disponível em [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/literature\\_great\\_britain\\_and\\_ireland](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/literature_great_britain_and_ireland). Acesso em 14.set. 2017.

RODRIGUES, Luiz Cesar Barreto. **A Primeira Guerra Mundial**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988, p. 28.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**: História, memória e política. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

WILLIAMS, Shirley. Preface. In: BRITAIN, V. **Testament of Youth**: an autobiographical study of the years: 1900-1925. Londres: Phoenix, 2014. p. 17-18.

WINTER, Jay. (2015). **Historiography 1918-Today**. Disponível em [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/historiography\\_1918-today](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/historiography_1918-today). Acesso em 01.jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Remembering War**. New Haven: Yale University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. Shell-Shock and the Cultural History of the Great War. **Journal of Contemporary History**, Londres, v. 35, n. 1, p. 7-11, jan. 2000.